

Sermão 080

A prece.

Santo Agostinho

Quando eles se reuniram ao povo, um homem aproximou-se deles e prostrou-se diante de Jesus, dizendo: “Senhor, tem piedade de meu filho, porque é lunático e sofre muito: ora cai no fogo, ora na água... Já o apresentei a teus discípulos, mas eles não o puderam curar”.

Respondeu Jesus: “Raça incrédula e perversa, até quando estarei convosco? Até quando hei de aturar-vos? Trazei-mo”.

Jesus ameaçou o demônio e este saiu do menino, que ficou curado na mesma hora.

Então os discípulos lhe perguntaram em particular: “Por que não pudemos expulsar este demônio?”

Jesus respondeu-lhes: “Por causa de vossa falta de fé. Em verdade vos digo: se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a esta montanha: ‘Transporta-te daqui para lá’ e ela irá e nada vos será impossível. Quanto a esta espécie de demônio, só se pode expulsar à força de oração e de jejum”¹.

Análise

Para não serem mais chamados de incrédulos por Jesus Cristo, os Apóstolos recorrem à prece. Uma palavra sobre seu objetivo, sua eficácia e sua necessidade.

¹ Mateus 17: 14-20.

Seu objetivo. Deus sabe do que precisamos. É preciso então nos abandonarmos completamente a ele, quando pedimos os bens materiais e solicitar os bens espirituais com uma perseverança confiante.

Sua eficácia. Jesus encontra dois tipos de doentes: doentes que querem ser curados e doentes tão desesperados que nem mesmo se acreditam doentes. A eficácia de sua prece é tanta que ele obtém a cura até mesmo desses desesperados.

Sua necessidade. Rezemos então a exemplo de Pedro caminhando sobre as águas. Peçamos com certa reserva os bens temporais, pois eles podem nos ser nocivos, muito mais do que benéficos e, para escapar seguramente dos males que nos afligem, sejamos bons e perfeitamente submissos a Deus.

01 – A incredulidade dos apóstolos.

Na leitura do Evangelho vimos Nosso Senhor Jesus Cristo censurar seus próprios discípulos, por causa da incredulidade deles. Como seus discípulos lhe perguntaram: *Por que não pudemos expulsar este demônio?* Jesus lhes respondeu: *Por causa de vossa falta de fé.*

Ah! Se os Apóstolos são incrédulos, quem será um crente? O que será das ovelhas, se os carneiros vacilam?

No entanto, a misericórdia divina não os abandonou em sua incredulidade. Ela os repreende, os instrui, os eleva até à perfeição e os coroa.

Assim, tomados por sua fraqueza, eles dizem, de um lado, como lemos no Evangelho: *Aumenta-nos a fé!*²

Sim, *os apóstolos disseram ao Senhor: “Aumenta-nos a fé!”*

Seu primeiro mérito é saber o que lhe falta e um mérito ainda mais considerável é saber a quem pedir o que lhe falta.

Senhor, “Aumenta-nos a fé! Isto não é levar seu coração até à fonte e bater, para conseguir que ela se abra e você possa se saciar? O Senhor quer que se bata à sua porta, não para mantê-la fechada, mas para estimular nossos desejos.

02 – Devemos orar a Deus, mesmo que ele conheça nossas necessidades.

Vocês acham, meus irmãos, que Deus ignora o que vocês precisam? Ele sabe, ele conhece nossa pobreza e antevê nossos desejos.

Assim, quando ele ensina a rezar e adverte seus Apóstolos para não falarem muito na prece, ele diz: *Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos, que julgam que serão ouvidos à força de palavras.*

O Senhor também diz outra coisa, no entanto. O que é? Para evitar que falemos muito na oração, ele diz: *Não os imiteis, por que vosso Pai sabe o que vos é necessário, antes que vós lho peçais*³.

² Lucas 17: 5.

³ Mateus 6: 7 e 8.

Mas, se nosso Pai sabe o que precisamos antes que nós lhe peçamos, porque falar, por pouco que seja? Para que serve mesmo a prece, se nosso Pai sabe do que precisamos?

Ele diz a todos: “Não reze longamente; eu sei o que lhe falta”.

“Mas, se o senhor sabe o que me falta, Senhor, por que rezar, por mais curta que seja a oração? O senhor não quer que minha súplica seja longa e exige mesmo que ela seja quase nula!”

Mas, o que ele ensina de diferente em outro lugar?

Aqui, ele diz: *não multipliqueis as palavras*.

No entanto, ele diz também em outro lugar: *Pedi e se vos dará*.

E, para afastar a ideia de que ele recomenda a prece de uma maneira accidental, ele acrescenta: *Buscai e achareis*.

Para evitar também que estas últimas palavras pareçam pronunciadas descuidadamente, vejam o que há aqui, vejam como ele conclui: *Batei e vos será aberto*⁴.

Desta forma, ele quer que se peça para receber, que se busque para achar e se bata para entrar.

Mas, já que nosso Pai sabe antecipadamente o que precisamos, por que pedir? Por que buscar? Por que bater? Por que nos cansar pedindo, buscando, batendo, para informar quem é mais bem informado do que nós?

⁴ Mateus 7: 7.

Em outro lugar, o Senhor orienta também: *É necessário orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo*⁵.

Se é preciso rezar sempre, por que foi dito: *não multipliqueis as palavras*? Como é preciso rezar sempre, se é preciso acabar logo?

Uma hora nos é dito para terminar a oração rapidamente e outra hora nos é dito para *orar sempre, sem jamais deixar de fazê-lo*. O que isto significa?

Pois bem! Rezemos então para compreender. Busquemos e batamos à porta. Se este mistério é tão profundo, não é para ser impenetrável, mas é para nos exercitar.

Então, meus irmãos, devemos exortar todos vocês à prece e nós com vocês. No meio dos males inumeráveis deste mundo, não temos outra esperança além de bater através da prece e acreditar que nosso Pai não nos recuse aquilo que ele sabe que nos convém. Você sabe o que você deseja, mas ele sabe o que você precisa.

Imagine que você esteja doente e nas mãos de um médico. Isto é incontestável, pois nossa vida, de fato, não passa de uma doença e uma longa vida não passa de uma doença longa.

Imagine então que você esteja doente e nas mãos de um médico. Você gostaria de beber um vinho jovem e gostaria de pedir isto ao médico. Nada o impede de pedir isto, pois pode ser que não lhe faça mal e até mesmo seja bom para você tomar este vinho.

⁵ Lucas 18: 1.

Não tema então pedir. Peça sem hesitação, mas não se entristeça se o pedido lhe for recusado.

Você tem confiança na pessoa que cuida do seu corpo. Você não confiaria infinitamente mais em Deus, que é, ao mesmo tempo, médico, criador e reparador do seu corpo, bem como de sua alma?

03 – Pedir para que Deus nos cure de nossos vícios.

O Senhor então, em outra passagem, nos convida à prece, pois, seus discípulos lhe haviam perguntado: *Por que não podemos expulsar este demônio?* E ele lhes respondeu: *Por causa de vossa falta de fé.* Em seguida, ele acrescenta: *Quanto a esta espécie de demônio, só se pode expulsar à força de oração e de jejum*⁶.

Então, se devemos rezar para expulsar um demônio estranho, não devemos fazê-lo muito mais ainda para nos livrarmos da avareza, para nos curarmos da embriaguez, para renunciarmos à impureza e para nos purificarmos de toda sujeira?

Infelizmente, há tantos defeitos que excluem do Reino dos Céus, se não nos livramos deles!

Pensem, meus irmãos, com que insistência não se pede a um médico a saúde do corpo!

⁶ Mateus 17: 19 e 20.

Se uma pessoa é atingida por uma doença mortal, ela se envergonhará, custará a ela se jogar aos pés de um médico hábil e irrigá-lo com suas lágrimas?

E se esse médico lhe disser: “É impossível curar você, a menos que eu o amarre e empregue em você o ferro e o fogo?”

Responderá o doente: “Faça o que tiver que fazer. Apenas me cure”.

Com que ardor se deseja recuperar uma saúde efêmera que desaparece como o vapor, já que, para repará-la, não se teme nem as correntes, nem o ferro, nem o fogo e se consente ser vigiado para não comer, para não beber o que agrada e nem quando se quer!

Para morrer um pouco mais tarde, não há nada que não se suporte e não se quer sofrer para não morrer jamais!

Se nosso médico celeste, se Deus perguntasse a você: “Você quer ser curado?” O que você responderia, se não é: “É claro que eu quero!”

Se você não desse esta resposta, seria porque você não se acredita doente e você o seria muito mais ainda.

04 – Cristo médico encontrou todos doentes.

Imagine aqui dois doentes. Um suplica ao seu médico com lágrimas e outro, no excesso e na cegueira do seu mal, zomba dele. O médico dá esperança ao primeiro e deplora o segundo. Por quê? Porque o

último está tão perigosamente atacado que não se acredita doente. Assim eram os judeus.

Cristo veio visitar os doentes e todos estavam doentes. Que ninguém se vanglorie de ter saúde e sim tema ser abandonado pelo médico.

Todos estavam doentes, como atesta um Apóstolo. Ele diz: *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus*⁷.

Mas, dentre todos esses doentes, podia-se distinguir duas categorias. Uns procuraram o médico, aderiram a Cristo, o ouviram, o honraram, o seguiram, se converteram. Ele os recebeu todos com prazer para curá-los e ele os curou gratuitamente, pois ele os curou com sua onipotência.

Assim, eles transbordaram de alegria quando ele os acolheu e os capturou para livrá-los dos seus males.

Quanto aos outros doentes, a quem a iniquidade tinha feito perder a razão e que não se acreditavam doentes, eles o censuraram com ultraje por receber os infelizes e disseram aos seus discípulos: *Por que vosso mestre come com os publicanos e com os pecadores?* E ele, sabendo o que eles valiam e o que eram, lhes respondeu: *Não são os que estão bem que precisam de médico, mas sim os doentes.* Depois, ele lhes mostrou quem estava em boa saúde e quem estava doente, dizendo: *Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores*⁸.

⁷ Romanos 3: 23.

⁸ Mateus 9: 11-13.

Em outros termos: “Se os pecadores não se aproximarem de mim, por que motivo e por que eu vim?”

Se todos estavam bem, era necessário que um médico assim descesse do céu? Por que ele nos deu, não remédios comuns, mas um remédio feito com seu sangue?

Assim, os menos doentes, os que sentiam seu mal, se aproximaram do Médico para obter sua cura. Enquanto que aqueles cuja doença era mais perigosa lhe insultaram e acusaram os doentes.

E até onde foi sua fúria? Até o ponto de prender o Médico, garroteá-lo, flagelá-lo, coroa-lo com espinhos, prendê-lo na madeira e matá-lo em uma cruz.

Por que se espantar com isso? O doente mata o médico, mas o médico, com sua morte, cura o doente.

05 – Com que remédio Cristo curará os doentes.

Na cruz, de fato, ele não se esqueceu do seu papel, mas nos mostrou sua paciência e nos ensinou, com seu exemplo, a amar nossos inimigos. Ao ver gemer ao redor dele esses desafortunados cuja doença ele conhecia, já que era seu médico e sabia que a fúria tinha cegado seus espíritos, ele pediu ao seu Pai: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*⁹.

⁹ Lucas 23: 34.

Vocês pensam que aqueles judeus não eram maus, nem cruéis, nem sanguinários, nem perturbados, nem inimigos do Filho de Deus? Vocês pensam que foi inútil e sem consequência esta súplica: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem?* Ele via todos e sabia qual deles iria aderir a ele.

Ele morreu, é verdade, mas foi porque sua morte serviria para matar a morte. Deus morreu então, para que, com uma compensação toda celeste, o ser humano não morresse.

Cristo, de fato, é Deus, mas ele não morreu enquanto Deus. Ele é, ao mesmo tempo, Deus e humano. O mesmo Cristo é, ao mesmo tempo, humano e Deus. Ele se tornou humano para nos fazer melhores, mas sem fazer o Deus perder nada. Ele se tornou o que não era, sem deixar de ser nada do que era.

Sendo então Deus e humano, ele morreu em nossa natureza, para nos fazer viver da sua. Ele não tinha, em sua natureza, o poder de morrer e nem nós, na nossa, a faculdade de viver.

E o que era então Aquele que não podia morrer? *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus*¹⁰.

Que se procure saber como Deus pode morrer e não se descobrirá. Mas nós, nós morremos, porque somos carne, porque somos humanos feitos com uma carne de pecado.

Como poderia o pecado viver? Impossível.

¹⁰ João 1: 1.

Cristo então, não podia encontrar a morte em sua natureza e nem nós encontrar a vida na nossa. Mas, da mesma forma como tiramos a vida da sua natureza, ele tirou a morte da nossa.

Ah! Que troca! O que ele deu e o que ele recebeu?!

Os negociantes fazem trocas e desde a antiguidade o comércio não passa de uma troca de bens. Um dava o que tinha e o outro recebia o que não tinha. Assim, um tinha trigo e não tinha cevada; o outro tinha cevada e não tinha trigo. O primeiro dava o trigo que tinha e recebia a cevada que não tinha.

Mas, o quanto era preciso do que valia menos para equivaler ao que valia mais? Assim, um dava cevada para ter trigo; outro chumbo em troca de prata, mas pouca prata em troca de muito chumbo! Outro, enfim, dava lã em troca de roupa.

Quem poderia descrever todas as trocas? Mas ninguém, no entanto, dá sua vida para receber a morte.

A prece do Médico pendurado na cruz não foi, então, sem consequências. Como o Verbo não poderia morrer por nós, para conseguir isto, *o Verbo se fez carne e habitou entre nós*¹¹.

Ele foi pendurado na cruz, mas em sua humanidade. Lá estavam sua humilde natureza, desprezada pelos judeus e o amor, libertador de outros judeus, pois, para eles, ele rezou: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* e este clamor não foi em vão.

¹¹ João 1: 14.

O Salvador, efetivamente, morreu, foi sepultado, ressuscitou, subiu ao céu, depois de ter passado quarenta dias com seus discípulos e enviou o Espírito Santo que ele havia prometido àqueles que o esperavam.

Após terem recebido o Espírito Santo, os discípulos ficaram plenos dele e começaram a falar as línguas de todos os povos.

Ao ouvirem ignorantes __ pessoas sem instrução que eles sabiam terem crescido no meio deles sabendo uma só língua __ falando todas as línguas, os judeus que estavam lá ficaram espantados e tomados pelo pavor.

Pedro disse a eles de onde vinha essa graça. Eles deviam isso Àquele que eles tinham prendido no cadafalso. Eles deviam isso Àquele que quis ser ultrajado na cruz, para enviar o Espírito Santo do alto do céu.

Pedro foi ouvido por aqueles para os quais foi pedido: *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.* Eles acreditaram então, foram batizados e se converteram.

Mas, que conversão! Eles beberam com fé o sangue que tinham derramado com fúria.

06 – A prece nos perigos desta vida.

Para terminar então este sermão por onde o começamos, rezemos e confiemos em Deus. Vivamos seguindo seus preceitos e, se vacilar-

mos no caminho, invoquemo-lo, como o invocaram seus discípulos, quando disseram: *Senhor, aumenta-nos a fé!*¹²

Pedro também vacilou, depois de ter depositado nele sua confiança. No entanto, ele não foi abandonado e nem engolido, mas erguido e salvo.

De onde veio, de fato, sua confiança? Não de suas próprias forças, mas do poder do Senhor.

Como? “*Senhor, se és tu, manda-me ir sobre as águas até junto de ti!*”¹³, pois, *se és tu*, eu sei que ordenar é acontecer”.

Vem!, ordenou o Senhor. Com esta ordem, Pedro desceu, mas sua enfermidade o fez tremer.

Senhor, salva-me!, ele logo gritou.

O Senhor o tomou pela mão e lhe disse: *Homem de pouca fé, por que duvidaste?*

Assim, foi o Senhor que o chamou para ele e foi o Senhor também que o fortaleceu, no momento em que ele vacilou e tremeu. Desta maneira, se cumpriram estas palavras do Salmo: *Quando penso: “Vacilam-me os pés”, sustenta-me, Senhor, a vossa graça*¹⁴.

07 – Como pedir os bens temporais e os eternos.

Há, então, dois tipos de bens: os bens temporais e os bens eternos.

¹² Lucas 17: 5.

¹³ Mateus 14: 28.

¹⁴ Salmo 93: 18.

Os bens temporais são a saúde, a riqueza, a honra, os amigos, a casa, os filhos, a esposa e todas as outras vantagens desta vida onde somos peregrinos. Consideremo-nos aqui então como em uma hospedaria, onde só estamos de passagem, sem sermos seus verdadeiros donos.

Quanto aos bens eternos, eles são, primeiro, a própria vida eterna, a incorruptibilidade e a imortalidade do corpo e da alma, a sociedade dos anjos, uma morada celeste, uma coroa inacessível, um Pai e uma pátria que não conhecem nem a morte e nem inimigos.

Estes são os bens que precisamos desejar com todo nosso coração e pedir com uma incansável perseverança; menos por longos discursos e mais por sincero sentimento.

Mesmo que a língua permaneça imóvel, o desejo é sempre uma prece. Desejar sempre é sempre rezar.

Quando a oração adormece? Quando o desejo esfria.

Desta forma, peçamos com todo nosso ardor esses bens eternos. Busquemo-los com toda nossa dedicação possível. Peçamo-los sem medo. Eles não podem prejudicar e só podem ser úteis; enquanto que os bens temporais podem ser nocivos, muito mais do que benéficos.

Quantos não aproveitaram a vida na pobreza e quantos não sofreram na riqueza? Quantos não aproveitaram a vida privada e quantos não sofreram nos grandes cargos?

Outros, pelo contrário, tiraram vantagem da opulência e das honorárias. Eles aproveitaram quando fizeram bom uso delas e, ao fazerem mau uso delas, encontraram sua perdição, com sua posse.

Daí então, meus irmãos, devemos pedir essas coisas temporais com moderação e ter confiança, se nós as obtivermos, de que elas vieram Daquele que sabe o que nos convém.

Você pediu sem obter, você diz. Tenha confiança em seu Pai. Creia que ele concederia a você, se fosse para sua felicidade.

Julgue por você mesmo. Você é, perante Deus, um inexperiente das coisas divinas, como seu filho é, perante você, um inexperiente das coisas humanas. Esse filho atormenta você e chora um dia inteiro para ganhar uma faca ou uma espada. Você se recusa lhe dar o que ele pede e ignora seu choro, para não ter que chorar sua morte.

Seu filho chora agora, se aflige e se bate, pedindo que você o coloque em seu cavalo. Você não faz nada do que ele pede, pois ele é incapaz de conduzir, o cavalo o derrubaria e o mataria.

Se você recusa tão pouco ao seu filho é para conservá-lo inteiro. E, para que ele cresça e possua sem perigo toda sua fortuna, você rejeita agora seus insignificantes mas perigosos pedidos.

08 – De onde vem as situações ruins e como suportá-las.

Nós dizemos a vocês então, meus irmãos: rezem o quanto vocês puderem. Os males se multiplicam e Deus quis assim.

Ah! Se os males não se multiplicassem tanto e se os ímpios não fossem tão numerosos!

A situação está ruim, a situação está difícil, repetem por toda parte. Vivamos bem e a situação será boa! Somos nós que fazemos as situações; elas são o que nós somos.

Mas, o que fazemos? Não podemos conduzir ao bem a massa de pessoas.

Sejam bons, vocês que me ouvem em tão pequeno número! Que o pequeno número dos bons suporte o grande número dos maus!

Esses bons são o grão; o grão na eira. Eles podem, na eira, estar misturados com a palha, mas essa mistura não haverá no celeiro. Que eles tolerem o que lhes desagrada, para conseguirem o que eles buscam.

Por que nos desolar e acusar Deus? Os males se multiplicam no mundo para nos preservar do amor ao mundo.

As grandes personalidades, os santos e os verdadeiros fiéis desprezaram o mundo em seu brilho e não poderíamos desprezá-los em suas tristezas!

O mundo é mau. Sim, ele é, mas é amado como se fosse bom!

O que é este mundo mau? O que é mau não é nem o céu, nem a terra, nem as águas e o que há neles: pássaros, peixes, vegetais. Todos estes seres são bons; são as pessoas más que tornam o mundo mau.

No entanto, como é impossível não encontrarmos pessoas más ao longo de toda nossa vida, elevemos nossos clamores, como já disse, para o Senhor nosso Deus e suportemos o mal, para chegarmos ao bem.

Ah! Não censuremos o Pai de família, pois ele é bom. É ele que nos conduz, não nós que o conduzimos. Ele sabe como administrar sua obra. Faça somente o que ele ordena e espere o que ele promete.



Créditos

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Bar-Le-Duc: Abade Raulx Editor, 1866, por Souza Campos, E. L. de. Cotejado com a versão em italiano.

© 2019 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Conteúdo

Sermão 080	1
Análise.....	1
01 – A incredulidade dos apóstolos.	2
02 – Devemos orar a Deus, mesmo que ele conheça nossas necessidades.	3
03 – Pedir para que Deus nos cure de nossos vícios.	6
04 – Cristo médico encontrou todos doentes.....	7
05 – Com que remédio Cristo curará os doentes.	9
06 – A prece nos perigos desta vida.	12
07 – Como pedir os bens temporais e os eternos.	13
08 – De onde vem as situações ruins e como suportá-las.....	15
Créditos.....	18
Conteúdo.....	19